

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesse.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Mortos da Grande Guerra

A nossa acção em prol duma homenagem, vista pelo ilustre General sr. Ferreira Martins

Do ilustre oficial do exército, sr. General Luís Augusto Ferreira Martins, recebemos a carta que vamos deixar hoje arquivada nas nossas colunas, por a considerarmos um documento de valor.

... Senhor Director do «Notícias de Guimarães»

Mão solícita de alguém que conhece o meu fraco por tudo quanto seja prestar homenagem aos Sacrificados da Grande Guerra, colocou diante dos meus olhos alguns números do interessante semanário que V. ... superiormente dirige, onde, por variadas fórmulas, mas sempre com o mesmo ardor patriótico e o mesmo espírito bairrista, se pugna pela construção em Guimarães dum monumento aos Mortos da Guerra oriundos desse belo e histórico Concelho minhoto.

Assina os sucessivos artigos onde essa simpática propaganda é sugestivamente realizada, Manuel de Guimarães, assinatura onde se adivinha o pseudónimo dum Antigo Combatente, o mesmo que gentilmente se refere, em fundo de 12 do corrente, a artigos meus recentemente publicados na imprensa de Lisboa, referências em que se reflecte uma amigável camaradagem que muito me penhora, e que a V. ... Senhor Director, tornam crêdor do meu grato reconhecimento pelo lugar de honra em que lhes deu generoso acolhimento.

Ao manifestar a V. ... esse meu reconhecimento pessoal permita-me, Senhor Director, que, em nome dos meus camaradas Antigos Combatentes da Grande Guerra, eu lhe apresente também o testemunho da sincera gratidão que é de justiça tributar-lhe, pelo apoio que vem prestando no seu semanário à iniciativa do monumento com que esse Concelho virá a homenagear a memória dos seus Mortos ao serviço da Pátria.

Com o mesmo apoio poderão contar todos aqueles que se interessam pelo pagamento dessa «Divida Sagrada», da parte da Comissão dos Padrões da Grande Guerra a cuja Comissão Executiva tenho a honra de presidir. Apoio moral, apenas, porque outro não é possível à Comissão oferecer, visto que os seus recursos são exclusivamente destinados ao objectivo, não de prestar homenagem aos Mortos da Guerra mas de erigir Padrões comemorativos do nosso esforço militar, nos vários teatros de operações da Europa e de Africa, onde portugueses se bateram em 1914-1918.

Se materialmente esses objectivos são diversos e a entidades diferentes cabe a sua realização, moralmente são eles perfeitamente idênticos e por isso merecem igual e viva simpatia daqueles que procuram realizá-los.

E' que, de facto, tudo quanto seja recordar na pedra secularmente duradoura dum Padrão ou no bronze inconsumível dum monumento, o sangue português que correu nos Campos de batalha da Grande Guerra em holocausto à Pátria, constitue um estímulo perpétuo das forças morais dum Povo que, não desejando a guerra, origem de tantos males, antes bemquerendo a Paz, fecunda de tantas benesses, não pode todavia deixar de preparar-se para a eventualidade de ter de defender à mão armada a integridade do seu lar; e nessa preparação não basta contar com os recursos materiais, porque as forças morais são para ela elementos essenciais e de primeira grandeza.

Erguer um Padrão onde quer que a Pátria fez sentir militarmente o valor tradicional e nunca apagado da sua Raça ou levantar um monumento no local onde nasceram aqueles dos seus filhos que por Ela sacrificaram a própria vida, tudo tem, afinal, o mesmo significado moral: lembrar aos vindouros a veneranda memória dos seus maiores que pela Pátria se bateram, estimular nas gerações futuras o sacrosanto amor da Pátria, recordando-lhes o exemplo heroico dos seus antepassados que, pelo culto desse amor souberam honrá-la sacrificando-se por ela!

Cada Padrão ou cada monumento que se ergue na praça pública significa: Lembrança! E para o viandante que passa, essa Lembrança, se é de sentida saúde por aqueles que morreram no Campo da Honra, é também de poderoso incentivo para lhes emitir o sacrifício, se um dia, por nosso mal, assim o exigirem o prestigio e a integridade da Pátria que nos foi berço!

O Concelho de Guimarães erguendo o monumento aos seus naturais, mártires da Grande Guerra, realiza pois um duplo objectivo e duplamente se nobilita: liquida para com os seus Mortos uma dívida de gratidão, ainda em aberto, e reacende no coração dos vivos a chama do sagrado Amor que devemos consagrar à Pátria para bem merecermos a honra de ser seus filhos.

Releve-me, Senhor Director, que eu venha abusivamente lançar no fogo sagrado que o seu jornal vem atendo em favor da homenagem aos Mortos da Guerra do seu Concelho, esta pequena acha, apagada e sem valor, na esperança de que, ao contacto com muitas outras bem ardentes e vivas, adquira o calor preciso para contribuir, ainda que parcamente, para alimentar a chama patriótica que há-de iluminar o espírito dos Vimaraneses, fazendo-os congregarem num esforço — que não será enorme — para que aos seus heroicos Conterrâneos seja prestada a justa consagração que se pretende levar a cabo.

São esses os votos sinceros de quem, como Antigo Combatente, se subscreeve

De V. ... admirador sincero e grato

(a) GENERAL FERREIRA MARTINS.

Ferros Curtos

A Relíquia

«A pesar de de a imprensa ter protestado, amilide, contra o estado de verdadeira ruína e, portanto vergonhoso, em que se encontra, há longo tempo o Castelo dos Almadas (sit. à Rua da República, continua este, em péssimas condições, tendo sido, por isso, objecto de crítica, aliás, justíssima. Não haverá meio de fazer desaparecer dali aquelas velhas ruínas? A quem de direito recomendamos o assunto.» (Da «Carta de Guimarães», para o «Primeiro de Janeiro».)

O solícito João
Em livres, breves penadas,
Atirou duas pedradas
— Não te arrependas, irmão —
Ao Castelo dos Almadas.

O desalmado Castelo
Foi descoberta de ronha
Irritante e enfadonha;
E' um tremendo libelo
Que seus autor's envergonha...

O Castelo dos Almadas,
Encarecido João,
E' uma série de estopadas...
E' um alvo de piadas...
E' um erro sem perdão...

O Castelo dá-me a ideia,
Crê, dum castelo no ar...
Ou dum castelo na areia...
Que tem levado tarefa
E tem dado que falar!

O Castelo dos Almadas,
Cujos aspectos nos deprime,
E' daquelas pessegadas
Ultimamente inventadas
Que redundaram num crime...

O Castelo dos Almadas
E' um castelo de truz,
E' um palácio de fadas.
A gritar às alvoradas:
— Cá estou na minha cruz!

Não percas tempo, João.
O Castelo dos Almadas,
Com tão vistosas fachadas,
E' a maior invenção
De cabeças ilustradas!

E' o tesouro dos tesouros!
Descoberta de eminentes
«Arqueólogos», bons e crentes.
Que não de mostrar aos vindouros
Os seus «esforços» presentes...

Mesmo que queiras ou não,
Há-de o famoso Castelo
— Que é da côr do alcatrão, —
Figurar, não fosse belo,
Cá no bérço da Nação!

O Castelo — e quem havia
Duma tal coisa dizer? —
Não é qualquer porcaria...
E' obra de engenharia,
De muito estudo e saber...

Lembra, João, no «Janeiro»;
— Pois pra isso engenho tens —
Pôr no Castelo um letreiro:
— «Aprecia, ó forasteiro,
Belezas de Guimarães!»

BANDARILHEIRO.

Sombras...

Frases Soltas

«A Natureza, mái previdente, dispôs que tudo na terra fosse temperado com um grão de loucura».

De Erasmo («Elogio da Loucura»).

«A palavra de Erasmo palpitará como uma eterna verdade».

Prefácio Dr. Afrânio Peixoto.

Se o pensamento, na ironia de Erasmo, percorre essa estrada a que nos leva a Loucura, encontre êle, nas suas eternas cogitações, a lâmpada funerária duma sepultura!

Da Tragédia Grega de Orestes, à figura shakespeareana de Hamlet, até à moderna esfinge

Citânia de Briteiros

Do distinto escritor e nosso amigo, sr. Dr. Alfredo Pimenta, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. Director: — é com a mais profunda mágoa que vejo, no último número do seu excelente semanário, dois artigos, — um, assinado por A. F., outro, assinado por Manuel de Guimarães — a defender a transformação da Citânia de Briteiros em estância de turismo ou local aprazível de regabofes.

Da boa-fé, do amor bairrista dos dois signatários que, aliás, não sei quem sejam, está claro que não tenho a mais ligeira sombra de razão para duvidar.

Em tôdas as expressões dos dois artigos, no próprio tom que adoptam, vê-se, sem dificuldade, que anima os seus autores, um Grande amor à sua terra, no desejo muito profundo de bem a servir. Mas, — perdêem-me!, desta vez, não têm razão no que propõem.

Deus acuda à Citânia, sr. Director! Ai dela, ai de Guimarães, ai de nós todos os deste tempo, se tal conselho vingasse!

Para local de tainas, temos a Penha, e chega. A Penha é, pode e deve ser sempre estância de turismo, com hotel confortável, com barracas de comes e bebes, com atractivos para o forasteiro que corre Seca e Mecca a divertir-se.

São poucos todos os benefícios que lhe introduzam, para chamar e reter o turista.

Mas a Citânia, sr. Director, a Citânia é uma cidade morta, onde só deve acender-se uma lâmpada — a da ciência, e onde só se deve entrar em silêncio, na angustiada interrogação que domina os espiritos que se acercam do mistério.

A Citânia é um cemitério, sr. Director, cemitério de corpos, cemitério de almas, cemitério de uma civilização que a Dívida envolve e esconde.

Cada pedra das que por ali topamos é objecto de estudo dos eruditos. Só estes devem subir aquele monte sagrado — sagrado, pela multiseccularidade da sua existência, e sagrado, pelo nome eterno do homem que perdeu a sua vida a estudá-lo, a explorá-lo, a desenterrá-lo.

A Citânia é uma Civilização em ruínas; nas ruínas não se mexe.

Não profanemos mais a Citânia, sr. Director, que já bem profanada tem ela sido! Não afrontemos mais a memória de Martins Sarmiento, e nos não vejamos incorrosamente tem a sido afrontada já!

Bem sei que na intenção dos signatários não está nem a profanação da Citânia, nem o afrontamento da memória de Sarmiento. Sei isso muito bem.

E, com o coração nas mãos, aqui o afirmo aos signatários dos dois artigos, que, repito, não sei quem sejam.

Mas quantas vezes o que nós propomos, com um sentido, com uma intenção, não se traduz, na realidade, em coisa muito diversa, e nos não vemos obrigados, depois, a proclamar: não foi isso, não era isso o que eu queria?!

Creiam os dois articulistas a que me refiro: não teriam conta os remorsos que haviam de assaltá-los, se as suas sugestões, neste caso da Citânia, fossem ouvidas.

Querem um exemplo? Defendeu-se, e eu fui um dos que defenderam tal ideia, a necessidade de haver na Citânia um Guarda, e, portanto, de se construir na Citânia uma casa para o Guarda.

Fui outro dia lá. Fiquei assombrado de pasmo e de revolta, quando vi o mostrenço da casa que com a maior destaques foram edificar em plena Citânia!

Por um triz que não pespegam lá com um chalet de brasileiro com cais de faixação à porta, e um menino de barro vermelho a fazer chichii em cima dum monte de conchas!

Casa de guarda, sim, mas fora do recinto da Citânia, discreta, acomodada ao lugar, à arquitectura do lugar. Dentro da casa, pusessem o que lhes desse na gana, desde o bilhar à passadeira. Mas que ninguém visse. Que o sábio estrangeiro ou nacional, ao percorrer as ruelas íngremes e desmanteladas da Citânia, no farejamento do que esclarecesse o seu espírito não esbarrasse naquele estapafúrdio monumento que lá estão a erguer, com sua horta de coives galegas, e, não tardará muito, porque não?, com sua palmeira da Guiné!

Martins Sarmiento quis, para seu túmulo, alguma coisa que não destoasse da Citânia que, de longe, o guarda.

E nos três palmos do adro de Briteiros, à sombra amiga da igreja paroquial, lá está a dormir o sono eterno dentro duma espécie de casa redonda da Citânia.

Aqueles que andam por aí a fazer muito barulho com o nome de Sarmiento, e que têm por dever velar pelo seu nome, esses foram-se à Citânia, e levantaram lá, entre as ruínas, de tantos séculos, uma casa muito catita, em estilo muito catita, com telhado muito catita, — numa exuberância fantástica de catitismo insolente!

E cá estou eu: se era aquilo o resultado da ideia de haver um Guarda na Citânia, nunca tal ideia tivesse aparecido no espírito de ninguém!

Se a sugestão dos seus dois colaboradores, sr. Director, pegasse, era uma desgraça para a Citânia.

Quanto mais fechada, quanto mais isolada, quanto mais distante, quanto mais ignorada fôr dos patuscos de camionetas, com farnês de merendas e possíveis bebedeiras inherentes — mais dignamente se conserva a Citânia, e maiores e mais úteis serviços pode prestar à Ciência.

O atractivo da Citânia não está nos hotéis ou nos restaurantes ou nas tabernas de peixe frito e sardinha assada, com o verdasco que lá puserem: está no mistério insondável das suas ruínas.

Assim como o mineiro do ouro, o navegante do polo, o nauta do ar, o explorador da selva bruta, não precisam, para se lançarem no caminho do seu Sonho, de hotéis de luxo nas profundidades do sóio, ou no deserto dos géios, ou na vastidão da atmosfera, ou no isolamento das florestas, também aqueles que as Citânias ou as Mycenias ou as Tróias atraem, dispensam que entre as ruínas das civilizações desaparecidas, lhes ponham mapas fôfos ou cerveja por copo...

Perdêem-me os signatários dos dois artigos. Não têm razão. Não foram felizes. E pelo muito amor que tenho a esta terra que só com ingratidão me tem pago; e pelo culto religioso que tenho à memória de Sarmiento; e pelo amor que sinto existir nos seus colaboradores, pelas prosperidades de Guimarães, peço-lhes que retirem a sua sugestão, que digam comigo: na Citânia não se toca!

Creia-me, sr. Director, seu muito grato,

ALFREDO PIMENTA.

da alma slava personificada em Dostoiwski — são os artistas que sempre vivem e sentem o que se passa para além da realidade fria duma inteligência em equilíbrio justo e humano.

rat no banho: — a sinfonia louca da mulher que, em plena Mocidade, esmaga o seu coração na tortura de uma aurora de luz!

O equilíbrio humano — afinal intensa manifestação activa duma eterna vibração funcionando em movimento espiritual do ritmo da vida: — Talvez o significado da Morte!...

Mas a luz esvai-se na penumbra, como a inteligência que quer no domínio confuso e misterioso, perdendo-se nos espaços e no Abismo do verde mar insondável!

Porque a Morte tem a sua poesia. A poesia do Sangue, jorrando pelo realejo da guilhotina de Robespierre, na marcha pela Vida da Revolução Francesa!...

O reflexo duma suprema sensibilidade abate-se sem côr nessa força que nos chama à luta prosaica dum dia sucedendo ao dia anterior.

Carlota Corday, matando Ma-

Nietzche com o seu «super-homem», Schopenhauer com o seu «pessimismo», até à dialécti-

ca da ciência oculta da «Isis revelada» — é lá possível o esforço do pensamento do homem procurando a Verdade?

E, onde está a Verdade? Na alma dos loucos, da «Esfinge» — essa figura humana — que Coelho Neto compôs, dando a *energia da vida* a dois corpos de sexo diferente, despedaçados pela Morte — ou na alma dos vivos com *equilíbrio* que serenamente sabem (?) o que querem e para onde vão?...

Se a Verdade falasse...

O espírito vive em luta constante para se libertar dessa lei fatal ou determinante que se desenha na retentiva do Dor tirânica que se impõe a Universo!

A luz da inteligência sempre em busca do desconhecido ou do absoluto. O materialismo triunfante, o «monismo» mecânico de Haekel — vão cedendo o passo ao espiritualismo de Wallace e outros que explicam *certos milagres* da religião católica...

Mas por fim a Natureza reivindica.

Matéria e espírito envolvem os objectos exteriores a nós. Alguém disse que o Belo existe não só no exterior, mas no íntimo do homem.

Bela, Vida e Amor... Para longe o negrume duma Noite de sofrimento!...

1934 - Agosto.

Ilídio Proença.

COISAS & LOISAS

MATRÍCULA NA ESCOLA I. E COMERCIAL

Conforme os anos anteriores e como consta de um Edital que acabo de ler, a matrícula na Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda» efectua-se de um a vinte de Setembro, prazo legal para a inscrição dos interessados que pretendam frequentar este estabelecimento de ensino, cuja utilidade e cujas vantagens não oferecem dúvidas a ninguém. A falta de compreensão do fim deste grande ensino, tem levado algumas pessoas a desinteressarem-se por ele, designadamente em Guimarães, onde as próprias entidades, se têm conservado numa indiferença verdadeiramente criminosa. Compare-se, por exemplo, o que têm feito as Associações Comerciais e Industriais de outras terras com o que tem pretendido fazer a sua congénere de Guimarães. Enquanto aquelas constituem Comissões com representantes do Ensino Técnico e visitam as Escolas para se informarem das suas necessidades, esta — a de Guimarães, — não pensa em nada disto, como de resto, não pensa em nada de nada, facto recentemente confirmado com o que se passou com as Festas Gualterianas. Mas, felizmente, da Associação Comercial ainda alguma coisa se aproveitou... o seu belo edifício. E depois disto, voltemos à primeira parte, ao prazo da matrícula. É conveniente que todos os interessados se matriculem de 1 a 20 do corrente mês para não se repetir o mesmo do ano findo, em que muitos *retardatários* não conseguiram matricular-se por só aparecerem quando já era impossível atendê-los. E' certo que dentro do próprio prazo normal podem alguns dos interessados ser excluídos da matrícula por essa ter de ser, em último caso, limitada, circunstância que tem de dar-se se a frequência exceder um determinado número. São informações seguras, porque são, todas elas, colhidas em *fonte-limpa*. No entanto, cada um fará o que entender. A missão do jornalista — neste caso com j pequeno — é focar os assuntos mais palpitantes da ocasião.

FALAM OS OUTROS

E' com a devida satisfação que transcrevo da correspondência de Guimarães para o «Correio do Minho» — de 24 do mês findo, o seguinte *nanosito* de prosa: «Agora, que tantos louvores temos ouvido da parte do público Vimaranesense, à muito digna Comissão Administrativa da Câmara, por ter sabido resolver esse problema dos *casabres* imundos, que eram o escárnio e vergonha dos vimaranenses, lembramos, também, a conveniência de ordenar que aquela *poçilga* que se observa ali na Praça de D. Afonso Henriques, e da qual continuam a fazer mercado de sardinha, desapareça e em seu lugar seja construído um prédio novo e elegante, como manda o local. O proprietário é rico e bem pode com a despesa».

Vamos, sr. Vinagreiro! Diga, agora, que é só o *Pipi* que o consome. Hoje, meu venerando amigo, o tempo é outro, muito diferente daquele em que todos se curvavam perante a *majestade* de sua senhoria... Já não é sem mais nem menos, que se espesinha a dignidade e o brio de um povo. Já não é, como nos tempos aureos do *reinado* de sua

senhoria, que se faz um *depósito de sardinha* em pleno Toural. Hoje, há quem proteste e não quem toma providências. Portanto, sr. Vinagreiro, faça o seu exame de consciência, faça em seguida, uma confissão geral e não volte mais a pecar, teimando em fazer do Toural um mercado de sardinha. Verá, seguindo este conselho, como passa um resto de vida na mais santa paz e na mais ditosa felicidade!

PELO LICEU

Segundo notícia fornecida pela imprensa, matricularam-se no Liceu Martins Sarmiento, no corrente ano, 207 alunos, frequência superior à do ano transacto. Tratando-se do primeiro estabelecimento de Ensino de Guimarães, a referida frequência não corresponde à que devia ser. Outro tanto não excederia, porém, se neste Liceu houvesse o 6.º e 7.º anos de letras e ciências, como é de justiça e como tantas vezes a população de Guimarães o tem reclamado dos Poderes Públicos. Infelizmente, nem esta nem outras pretensões têm sido atendidas, não obstante a seu deferimento ser da maior justiça. Quando chegará a hora da *ressurreição* da vida e do progresso de Guimarães? Todos lhe fazem justiça, mas, a regêito de acções, nada!

SÓ FALTA O HOLOFOTE!

O amigo João de Deus continua a *bernar* contra o Castelo dos Almadas. Tem toda a razão, mas, já agora, aquele *cumulo* de miséria e de vergonha não pode desaparecer, porque é a *lembrança histórica* do eterno reconhecimento dos Vimaraneses para quem descobriu tam prodigioso tesouro. Portanto, tem de continuar, embora *crismado*, passando, então, a denominar-se «O Castelo dos Desalmados». Que o ilustrem por meio de um *holofote*, que fica uma obra completa!

Pipl.

Várias notas

Numa visita que há tempos fizemos a algumas freguesias do concelho, notamos, embora com certo e justificado espanto, o abandono, completo e imperdoável, a que estão deitadas algumas — a quasi totalidade! — das freguesias rurais.

Nós sabíamos que das nossas oitenta e tantas freguesias, poucas, muito poucas, possuíam bons caminhos e boas fontes, mas verificamos. E verificamos com mágoa.

Uma freguesia muito nossa vizinha — Atães — foi a primeira onde passamos. Surgiu-nos ali o abastado proprietário e nosso querido amigo sr. António José Ribeiro, da Casa do Telhado.

Mostrou-nos caminhos intransitáveis, há muito tempo já esquecidos, a pesar de reconhecida a sua utilidade para a população de Atães e de outras freguesias próximas.

O leitor não faz ideia! Prometemos dizer qualquer coisa, o que não fizemos há mais tempo, por várias razões.

Hoje, porém, que trazemos para aqui um naco do problema rural, apelamos para a digna C. A. da Câmara, pedindo que volte os seus bons olhares para as numerosas e produtivas freguesias do Concelho.

Nas condições de Atães estão muitas outras; e elas, as nossas freguesias, não pedem muito, nem pedem nada além da justiça: — bons caminhos, boa água!

O nosso povo está atrasadíssimo, no que respeita a educação. Temo-lo dito, têm-no dito muitas pessoas, centenas e centenas de vezes. Falá-se mal, muito mal, em todos os lugares e todos os dias.

E não concordando com o ditado: «nem tudo que se houve se diz», o povo, o malcreado povo, ouve, repete e... para *assinalar* os seus feitos, escreve também.

O leitor quer certificar-se? Vá ali à rua 31 de Janeiro e pare em frente ao mármore onde está colocada a Caixa Postal.

Não precisa de óculos para lêr, e avaliará da cultura do nosso povo.

A C. A. da Câmara está-se ocupando, agora, de um problema de grande importância para a cidade de Guimarães — o problema das águas.

Creemos que já uma Comissão transacta estudou o mesmo as-

sunto, porém, a actual, procura resolvê-lo dentro em muito breve.

Segundo informações muito particulares, não ficará por ali — pelas águas — a completa resolução do assunto que aquela Comissão traz em estudo. Depois virá o resto, e a C. A. levará a final uma das maiores obras em prol de Guimarães.

Para já, porém, as águas para abastecimento da Cidade, e já não é pouco.

As enfermeiras visitadoras que a Direcção Geral de Saúde para aqui destacou, iniciaram já os seus trabalhos junto dos estabelecimentos fabris; prestando às pobres operárias, uma cuidada e bem merecida assistência. Muito bem!

Esteve em Guimarães, como foi noticiado já, o senhor Ministro do Interior, que visitou os nossos monumentos e a Penha.

Certamente s. ex.ª, visitando a velha terra do Fundador da Pátria, foi informado do seu valor histórico, turístico, industrial, comercial e, simultaneamente, das suas antigas e justas aspirações.

Aos nossos assinantes

Yamos iniciar, nos primeiras dias desta semana, a cobrança de mais um trimestre (série de 12 números) do nosso jornal, esperando dever a todos os nossos assinantes da cidade a fineza de nos dispensarem o seu costumado bom acolhimento.

A Administração.

Esquema semanal

Iniciativas

E' bem certo que as iniciativas falham quando tomadas nesta infeliz terra. E' bem verdade que Guimarães não passa da cêpa torta uma vez que se reconheça a falta de bairrismo de seus filhos e mórmente quando se observe nos mesmos a heterogeneidade que os divide.

Uma iniciativa, e logo a desconfiança, o riso escarminho e a moía sobressaiem tão arrogantemente que causa pena assistir a tanta falta de senso e a crises tão aparvalhantes!

Uma iniciativa — e é sabido! — morre logo ao nascer, sem apêlo nem agravo, tau-tau, sem defesa que tenteie o manejo do varapau jogado, sem que saiba varrer o golpe de pimpão que a desaba, racha e mata!...

E ganha-se fôlego para berreiro, esganica-se em alta grita quando alguém diminua o *berço* ou lhe surripiam a *gaita* por que suspirar há tanto tempo!...

Pobres daqueles que julgam viver num meio de amigos e se afundam na «choldra» acobardada e irresoluta!...

Quando há-de ser tomado a sério o amor por Guimarães?

Heil Hitler!

Dias antes do plebiscito alemão que elevou Hitler à presidência do *Reich*, fôra anunciada uma visita do *führer* a um manicómio — talvez gerada por certa desconfiança da personalidade do... *irresistível*.

Grande atrapalhação do director-clínico, toque de limpêsa geral, e vá de ensaiar os doidos a soltar o estridente *Heil Hitler* (!) logo que vissem entrar o supremo e onnisciente «conductor» de... rebanhos e camêlos, combinado o sinal que o director marcaria, suadas as estopinhas!

No dia convencional, o antigo pintor de taboetas assomou à entrada da casa de saúde, e, com grande espanto, olhou maravilhado o entusiasmo e maluqueira dos internados, não sem que reparasse no silêncio em que o porteiro se conservava, tão

mudo e quêdo, que dir-se-ia estar só «com a rocha de granito».

Adolito amigo, homem de atitudes sem par, dirige-se-lhe imediatamente, e num acesso de loucura, increpando-o, interroga o desgraçado *pförtner* acerca da razão do seu silêncio, dêperca a tomar as sumaríssimas providências que é de uso... em regimens nazista.

Resposta do porteiro:

— Eu, meu senhor, sou o porteiro da casa e não um vulgar maluco.

Heil Hitler!

Fífias

Nem só a música no Jardim Público ao executar a *Rapsódia* de Hüssla, ferindo-nos os tímpanos com os acordes dum cornetim desafinado, nos dá a ideia precisa do que seja uma «fífia».

Pessoas há que, por *talento* ou por desejo de se tornarem agradáveis, sempre e sempre incorrem no erro, certas de que o *cantochão* sai como a partitura marca e também de que as «fífias» não existem nas «gamas» que vão fazendo.

E a propósito, a D. Crítica foge apavorada com tanto réclame e tanto saber!

Parafraseando M. Teixeira Gomes; ali, e sem embargo da pulcra aparência do lugar, se descompozeram, em menos de hora e meia, desaperecidas de toda a modéstia e cautela, abrazadas de raiva e ferindo injúrias que eram altos primores de estilo fadista, o balôfo crítico d'arte e o insensador.

Ventos de Espanha...

Há dias que as gazetas de *nuestros hermanos* preveem a queda do governo espanhol, integradas no dilema velho: não tem sabido corresponder às necessidades do momento.

Olhado a frio o desenrolar da política espanhola, verificada a insensata transigência, e sentidos os panos quentes com que se caustica a intolerância, dá vontade repetir o que já Fray Luís de León escreveu:

Los bienes mas queridos y mayores,
Se mudan y en mi daño se conjuran,
Y son por ofenderme a si traidores.

Tableau!

Na América dosd ollares mais uma greve se anuncia: a dos algodoeiros.

Mas, perguntarão: ¿declarada em prejuizo do horário de trabalho? da diminuição de salário? do *trust* industrial? da protecção aos menores?

Nada disso: embora pése aos chamados colossos da Imprensa, a greve dos *yankees* só têm um carácter, nada favorável ao burguês pañudo e pouco previdente: o apoio incondicional às medidas salutareas do Presidente Roosevelt — medidas únicas e capazes de pôr entrave à leviandade mundial

«Rira bien...»

Desastres

Como princípio de semana, a coisa esteve de truz.

Vizela, Portimão, Faro, Gaia — falta de cancelas nas passagens de nível ou velocidade a mais — a Fatalidade de parelha com Parca lá se entreteve a inutilizar e a ceifar vidas.

Ora, sendo o mundo tão perfeito, tão edênico, ao baterem à porta da côrte celestial, S. Pedro não exclamará num desalento, coçando a religiosa e venerandíssima calva:

— Mas que raios, que andam apostados em estragar-me a escrita!

O balanço final mais razão trará ao Santo-chaveiro desde que providências não sejam tomadas e as vertigens continuem a apoderar-se dos espíritos humanos.

Nicolau? Ezequiel? César?

Tem hoje seu termo a volta... do negócio a Portugal.

Mais palpitante que a subida do «Ermach» à estratosfera (ou

não fôsse russo o balão que atingiu os 23.000), a prova ciclista que a grande Imprensa protege e acaudilha, com um frénes que vai de norte a sul de Portugal, assaltou a maioria das consciências e quasi lhes faz esquecer o pouco ou nenhum sentido desportivo que a caracteriza.

— Nicolau? César? Ezequiel?

— Vi...vó...ó!

Porém, comparem-se as médias horárias dos nossos estradistas com as dos franceses, que correm a volta da França, e digam-nos onde está o defeito no exercício de tal ramo desportivo!

Aperto libro...

LÊFÊCÈ.

A maior das vergonhas!!!

Não se realizou a Excursão à Exposição Colonial

«A I Exposição Colonial Portuguesa é uma projecção social, de extraordinária importância que se compreende e que se vive na mais perfeita objectivação de uma obra que tem cinco séculos de existência e uma continuidade difícil de igualar».

Por isso, ninguém que sinta a hereditariedade dos nossos Maiores — o sangue quente de Português — deve deixar de ir ali rezar a oração da Raça, de adquirir «a consciência colonial» e de afirmar à Política Internacional «a amplitude que reconduz Portugal à sua posição de primeiro na descoberta, na conquista e colonização».

Animados dessa crença patriótica — sentindo o natural orgulho de portugueses — um grupo de vimaranenses dedicados, ciosos das fidalgas tradições do obreiro burgo, numa iniciativa sã e verdadeiramente patriótica, apelaram para os habitantes de Guimarães no intuito de visitarem a Exposição Colonial.

Réclames, noticiário jornais, viagens ao Pôrto, prospectos, esforço dispendido, energias gastas — e nada que correspondesse ao apêlo desses lídimo vimaranenses que gastaram do seu bôlso e se propunham acordar do letargo uma população adormecida e *pirrônica* — sempre cantando «o seu progresso e a sua vida», mas deixando morrer tódas as suas nobres tradições e cobrindo de luto os seus braços heráldicos!...

Réclames, negócios encetados, etc., e a exposição do quadro sombrio de 140 pessoas inscritas, quando o Pevidim enviava 1.200 operários, Fafe despejava 800 habitantes, Lamêgo se representava 1.100 pessoas, e Vila do Conde — a pequenina Vila do Conde — organizava 1.ª e agora 2.ª Excursão.

¿ Onde está a vergonha maior?!
¿ Quem diria que a primeira capital da Nação se opunha a adquirir os louros do Império a que deu comêço?

E continúa o mundo no seu giro perfeito!...

E não se cõra de vergonha ao vêr-se relegada a terra à condição de aldeia sertaneja!...

E ri-se de basbaque ao sentir derruido o esforço daqueles que desejavam elevar Guimarães ao lugar a que tinha jús, certos de que enviaria uma embaixada tão honrosa como a que foi apregoadada pelos microfones do Palácio das Colónias!...

¿ Querem festas, teatro, regimento, liceu de curso complementar, turismo, monumentos a Gil Vicente, Mortos da Grande Guerra, obras sanitárias?

— Deixem-se de marasmo e bairrismo X. P. T. O., agüentem as agulhadas que lhes dão, ó vimaranenses, e escusado será que vos digam que só quereis «gaita»... e fumo de canudos.

Assim, sim.

O resto... é folo que não dá resumo

General Ferreira Martins

Inserimos hoje, em lugar de destaque, uma carta do Ex.º General Luís Augusto Ferreira Martins, que foi sub-chefe e chefe do estado maior do Quartel General do Corpo, no C. E. P.

O «Notícias de Guimarães» agradece, muito penhoradamente, tam alta distinção, como imerecida gentileza do Ex.º General Ferreira Martins, devotado e fervoroso defensor da memória dos mortos da Grande Guerra, à qual este jornal tem prestado o seu merecido culto, dispensando-lhe, sempre, tódo o enlêvo e carinho.

Bem haja Sua Ex.ª pelo seu nobilíssimo gesto em favor dos sacrificados da Pátria e pela honra que se dignou conceder-nos.

UM ARTIGO

O correio trouxe-nos, ante-ontem, um artigo cujo nome do autor ignoramos. Por tal motivo, agradecemos àquêlê nosso amigo a fineza de procurar-nos nesta redacção, o que agradecemos.

POETA BRÁULIO CALDAS

Por feliz iniciativa do nosso querido amigo, sr. Jerónimo Sampaio, vai ser prestada, dentro em muito breve, uma justa homenagem ao saudoso Poeta Bráulio Caldas.

A subscrição para custear o monumento a erigir na nossa formosa Penha, que Bráulio Caldas cantou em versos de sublime inspiração, foi aberta nas colunas do nosso colega «O Comércio do Pôrto» e, tal qual a opinião do illustre Cronista desta cidade para aquele diário, tem atingido a *velocidade de um combóio em marcha acelerada.*

Consola-nos saber que, felizmente, os vimezanenses não esquecem aqueles que, como o eminente poeta, tanto fizeram em prol desta terra, amando-a como melhor se pode amar.

José de Pina que, como Jerónimo Sampaio, admirou o talento de Bráulio Caldas, é o autor do projecto para o bronze que, na Penha, há-de perpetuar a memória do poeta das *Andorinhas Mansas*, ficando a apontar às gerações vindouras um dos maiores génios literários deste Século.

Notícias pessoais

António Simões

Fez anos no dia 31 do mês findo, o nosso bom amigo sr. António Simões, activo gerente da Fábrica da Cruz de Pedra, e filho da veneranda sr.ª D. Maria Simões, que à Causa da Instrução Popular tem prestado valiosíssimos serviços. Ao referido amigo, os nossos cumprimentos, embora tardios.

Viriato de Almeida

Com a pensão de 12.444\$44, acaba de ser aposentado o sr. Viriato de Almeida, nosso prezado amigo e antigo Inspector Escolar da extinta Região Escolar de Braga, onde sempre se revelou um funcionário inteligente e zeloso. A sua competência chegava a ser invejada, motivo por que, em volta de sua ex.ª, alguém procurou urdir a intrigar e a calúnia. Em Guimarães, conta grande número de amigos, de entre os quais nos contamos.

Os nossos cumprimentos.

Partiu para o Vidago, a fazer uso de águas, o nosso querido amigo sr. dr. Manuel Jesus de Sousa.

— Encontram-se entre nós, de visita a suas famílias, os nossos queridos amigos e conterrâneos srs. Comandante António Garcia de Sousa Ventura e Lino Teixeira de Carvalho.

— Fizeram anos, nos dias 14 e 15 de Agosto, respectivamente, os nossos bons amigos srs. Apriço Neves de Castro, distinto Aspirante de Finanças, e Carlos Teixeira Pinto. Embora tarde, os nossos parabéns.

— Regressou da Póvoa de Varzim o nosso querido amigo sr. Alberto Vieira Braga.

— Regressaram da mesma praia as famílias dos importantes industriais, srs. Alberto Pimenta Machado e Francisco P. Quintas.

— Partiram para a Póvoa de Varzim os nossos queridos amigos srs. dr. Américo Durão, dr. António José da Silva Basto Júnior, dr. Jerónimo Rocha, Domingos Mendes Fernandes, Domingos Alves Machado, José Teixeira de Faria, Alberto Teixeira Carneiro, etc.

— Regressou de África, onde esteve em Comissão de serviço militar, o sr. Tenente Mário Pinheiro.

— Do seu solar de Simões partiu para a sua casa de Lamégo, o nosso illustre conterrâneo e amigo sr. dr. Maximiano Pinto Simões.

— Regressou a Fafe, onde reside, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Custódio Vila Nova Guimarães.

— Da mesma Praia regressaram, com suas famílias, os tam-

bém nossos queridos amigos srs. Francisco de Assis Costa Guimarães, Rodrigo Lopes Pimenta, António Eurico Baptista, Manuel Machado António B. Oliveira, etc.

— A fim-de procurar livio para os seus padecimentos, seguiu para o Caramulo a sr.ª D. Albertina Dias de Almeida.

Desejamos-lhe melhoras.

— Para as suas propriedades de Infias, seguiram a sr.ª D. Maria Adelaide de Almeida Ribeiro Vilas e sua filha a sr.ª D. Maria Adelaide.

— Partiu para Vidago o distinto clínico sr. dr. João de Almeida.

— Regressou das Pedras Salgadas, com sua família, o nosso amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

— Para S. Pedro do Sul, seguiu o nosso amigo sr. António de Matos Guimarães.

— Partiram para as propriedades de S. Cláudio do Barco, os nossos amigos srs. Francisco de Faria e dr. Armando Teixeira de Faria e sua família.

Grande Peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes da Penha

No próximo domingo

E' sempre com imensa alegria que os Vimezanenses vêm aproximar-se o dia em que, como fiéis depositários das santas e nobres tradições herdadas dos seus antepassados, irão prestar a sua inteira vassalagem à excelsa Soberana que, como Mãe desvelada e carinhosa, ouviu os primeiros vagidos e guiou os primeiros passos da nossa secular Nacionalidade.

Prestar homenagem a tam sublime Soberana, render sinceros preitos de amor filial a tam singular Mãe, é próprio de todos os Portugueses e sobretudo dos Vimezanenses, porque sempre teem vivido, vivem e viverão à sombra da simbólica Oliveira, recolhendo dos seu frondosos ramos graças e consolações indizíveis.

Isto bastará para atrair ao monte de Penha, natural e formosíssimo trono da nossa verdadeira Rainha, no dia 9 deste mês todos os que encontram na crença os precisos bálsamos para as tribulações, nossas forçadas companheiras deste Vale de Lágrimas.

A Montanha será iluminada profusamente, na noite do dia 8.

No dia 9, às 4 1/2 horas, começará a celebração das Missas e a distribuição da Sagrada Comunhão, havendo também Missas às 5 1/2 horas na igreja de S. Pedro e às 6 horas nas outras igrejas.

Pelas 8 horas organizar-se-á a Grandiosa Peregrinação, no Campo da Feira, seguindo por S. Dâmaso, Largo 28 de Maio, Praça D. Afonso Henriques, Rua 31 de Janeiro, Rua Dr. Joaquim José de Meira, Largo do Cano, Arcela e estrada da Penha.

Em Belos Ares associam-se numerosas freguesias de Fafe, Felgueiras, com S. Torcato, Atães, S. Romão e outras. Chegando à Penha, Missa Campal, alocação e bênção do Santíssimo Sacramento.

A' Peregrinação presidirá um illustre Prelado.

Irmandade de N. S. da Guia

Convocação de Assembleia Geral

De conformidade com os estatutos desta Irmandade, convido todos os irmãos a reunirem-se em assembleia geral ordinária, na nossa Sala de Despacho, no dia 7 de Setembro, às 13,30 horas, a fim-de se proceder à eleição da nossa mesa para o ano económico de 1935-1936.

Guimarães, 20 de Agosto de 1934.

O Juiz,

António Dias Pinto de Castro.

Visado pela Comissão de Censura.

Da Cidade

Aniversário lutooso—Passou na 6.ª feira o 1.º aniversário do falecimento do sr. José Ladeira Guimarães, tendo sido celebradas, em comemoração da lutoosa data, algumas missas por sua alma.

P.º Gaspar Roriz—Se fôsse vivo, fazia anos, na sexta-feira passada, o rev.º Gaspar Roriz, grande e devotado vimezanense.

Por sua alma foi celebrada, naquele dia, no templo de S. Domingos, uma missa.

Rectificação—Na notícia que demos no número passado acerca da homenagem ao Chefe do Distrito saíu, por lapso, o nome do sr. Joaquim Leite Monteiro, em vez do sr. Joaquim Monteiro, das Caldas das Taipas.

Festividade à Senhora da Guia—A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Guia promove este ano a festividade em honra da sua Padroeira, com o seguinte programa:

Dia 8—Conclusão da novena, missa rezada e exposição da Imagem à veneração dos fiéis. A' noite serão iluminadas a frontaria da capela e as sacadas dos prédios vizinhos.

Dia 10—A's 10 horas, missa cantada. A's 16 horas exposição do SS.º. A's 18 horas sermão pelo talentoso orador rev.º dr. Abílio Cândido de Almeida Gomes, antigo capelão militar, do Pôrto; Te-Deum e Bênção.

Transcrições—O nosso illustre colega «O Comércio do Pôrto», pela brilhante pena do seu correspondente nesta cidade, transcreveu, dos nossos números passados, parte da entrevista concedida ao nosso jornal pelo nosso querido amigo sr. João Teixeira de Aguiar, e o Soneto que o nosso distinto colaborador, sr. Freitas Soares, dedicou á memória de Bráulio Caldas. Os nossos agradecimentos.

Música no Jardim—A Banda dos Bombeiros Voluntários executa hoje, das 21,5 às 23,5 horas, o seguinte programa:

1.ª Parte: Maria del Carmen, Pasadoble, J. Texidor; Barbeiro de Sevilha, Ouverture, Rossini; Traviata, Seleccção, Verdi; Verberna de La Paloma, Zarzuela, Breton.

2.ª Parte: La Moureria, Opereta, Milan; Ku-Ka-Rat-Cha, Fox Simy, J. Texidor; El Niño de La Estrela, Pasadoble, J. Texidor.

Casamento—Na igreja de Caldelas, Taipas, realizou-se, no passado dia 25, o casamento do sr. Manuel Vaz da Costa Marques com a sr.ª D. Maria Francisca Crespo de Sousa, tendo servido de padrinhos, por parte do noivo, seus pais, o nosso bom amigo sr. António Vaz da Costa e sua esposa a sr.ª D. Emília Marques da Costa, e, por parte da noiva, seus pais, o sr. António de Sousa e sua esposa a sr.ª D. Maria da Silva Crespo de Sousa.

Foram caudatários da noiva o menino José Augusto e a menina Alzira Vaz da Costa, irmãos do noivo, tendo portado as alianças o menino Manuel Joaquim, filho do sr. Serafim da Silva Santos, do Pôrto.

Após o acto religioso, que teve a assistência de pessoas das duas famílias, foi servido um delicado almôço no Hotel das Termas, seguindo depois os noivos para Santa Leocádia de Briteiros, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos deseja o «Notícias de Guimarães» as maiores felicidades.

Mãe selvagem—Foi detida, na 4.ª feira, na freguesia de Gandarela, Custódia de Abreu, solteira, tecedeira, de 25 anos de idade, acusada de ter provocado um aborto e enterrado o feto na conzinha da casa de sua habitação.

A autoridade sanitária efectuou uma diligência e o caso foi entregue ao Poder Judicial.

Escutismo—Regressaram a esta cidade os escuteiros que ti-

nham ido a Lisboa tomar parte no V Acampamento Nacional do C. N. S.

De luto—Pelo falecimento de sua sogra, encontra-se de luto o sr. Joaquim Pires da Cal, de Campelos.

Os nossos sentimentos.

Desastres—No domingo, o combóio n.º 228 apanhou, no lugar de Atim, entre esta cidade e Vizela, lugar que a C. do Norte tem esquecido lamentavelmente — pois não possui guarda nem cancelas — um automóvel que, no momento atravessava a linha. Ficaram feridos o *chauffeur*, sr. Reinaldo Alves Campelos e o único passageiro sr. Manuel dos Santos (Neto). Este ficou bastante ferido e, por tal motivo, recolheu ao hospital da Misericórdia, desta cidade.

O automóvel ficou quasi destruído.

—Quando trabalhava nas obras da Associação Fúnebre, caiu dum altura considerável o operário António Carvalho, da freguesia de S. Faustino de Vizela, que ficou algo ferido. Recolheu ao hospital.

Falecimentos

D. Maria Amélia da Costa Paiva Contando 84 anos de idade faleceu, na passada terça-feira, a sr.ª D. Maria Amélia da Costa Paiva, esposa muito dedicada do nosso querido amigo sr. José Maria Cândido de Paiva e extremosa mãe das esposas dos nossos bons amigos srs. Francisco de Assis Costa Guimarães e Rodrigo Lopes Pimenta.

Era irmã do falecido Professor Plácido da Costa, que foi lente dos mais illustres da Universidade do Pôrto.

A bondosa senhora tinha regressado, dois dias antes, da Póvoa de Varzim, por motivo de ali se ter encontrado incomodada, e, não obstante isso, o seu estado não fazia prever um desenlace tão rápido.

A extinta, que era natural da Covilhã, aqui residia com seu dedicado marido há bastantes anos, na companhia de sua filha e genro o sr. Francisco Costa.

O seu passamento consternou. O funeral, que constituiu uma grande manifestação de pesar, efectuou-se na quinta-feira de manhã, no templo de S. Domingos, que comportava uma assistência numerosa e selecta.

Após os officios fúnebres, fez-se, com um grande acompanhamento, a trasladação do cadáver para o cemitério de Atougua, no auto funerário daquela V. O. T.

A tóda a família enlutada e, de um modo especial, aos srs. José Maria Cândido de Paiva, Francisco Costa e Rodrigo Pimenta, apresenta o «Notícias de Guimarães» os seus cumprimentos de condolências.

PERIQUITO

Fugiu um, na terça-feira, do estabelecimento de Manuel Augusto Duarte, L. 1.º de Maio, 27. Gratifica-se quem o entregar e procede-se contra quem o retiver.

Camisas?

Só TABU

à venda na

Casa das Gravatas.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.ª página do nosso jornal.

GRAVATAS

NOVA COLECCÃO

Ultima criação

na

CASA das GRAVATAS

CONCÉRTO DE ACORDEONS

Assistimos, na passada terça-feira, por mero acaso, a uma esplêndida audição de música, no Café Oriental. Deviam ser 22 horas quando teve início o aludido concêrto, por um lindo Pas-Calle. Seguiram-se outros números de belo efeito e de difficil execução. Depois fez-se ouvir, a sólo, o concertino sr. José Guerreiro Marum, em números de grande mecânica, tendo ocasião de demonstrar o valor da sua formidável técnica. A-par da sua nítida execução, quer a sólo ou a duo, revela este sr. qualidades de músico distinto, pois que, em todos os números do programa, arrancava lindos efeitos do seu belo instrumento.

Depois, fez-se ouvir, a sólo, o sr. José Ferreira Júnior, acordeonista, também muito distinto, sendo muito feliz na execução dos seus números.

Das composições que tivemos o prazer de ouvir, destacamos, entre as que foram tocadas a sólo pelo referido concertino, a difficil Mazurka «Lídio» e, a duo, a lindíssima valsa do distinto compositor Frederico Valério «Sonho de Criança».

De todos os grupos que teem visitado esta cidade, é este o melhor, no seu género. Oxalá que em outras terras por onde passem, sejam mais bem sucedidos, como merecem.

Recreando

Tem continuado a passar em Guimarães, dia a dia, muitas e grandes excursões das diversas terras do país.

Alguns distribuem panfletos e jornais, nos quais é feita a propaganda das suas terras.

Esteve entre nós, além de muitos outros que nos é impossível inumerar, o grupo «Leões do Vez», dos Arcos de Valdevez, que fez espalhar um interessante jornal, bem colaborado e ilustrado. Agradecemos o exemplar oferecido.

— Também passou, ante-ontem, por esta cidade, o grupo de Lisboa «Os Malmequeres», cujos componentes tiveram a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos.

Assinala o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Do Concelho

S. Torcato, 29.

Diversas notícias

Já se encontra a residir na vizinha freguesia de S. Lourenço de Sêlho, a fim-de no próximo ano lectivo reger a escola oficial, a professora efectiva sr.ª D. A. Ribeiro Marques.

Felicitemo-la pela sua colocação ali. — Para beneficiar a população desta freguesia vai, brevemente, ser construído no rio de Pôrto, um lavadouro público, para o que a ex.ª Commissão Administrativa da Câmara abona o numerário preciso. Este beneficio deve-se á intermediação do grande e estimado proprietário ex.º sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa, da Casa de Agra.

— Na frente, e na parte de cima do majestoso Templo de S. Torcato, lado Norte, está a fazer-se a conclusão da obra, com uma linda gruta, aonde será colocada a imagem do nosso milagroso Santo.

E' um lindo ornamento que muito embeleza o majestoso Templo.

— A Commissão Administrativa da Junta desta freguesia mandou reparar o caminho público que dá comunicação do largo do Fabricante para Sub-Devi-za. E' um óptimo melhoramento, devido ao seu muito trânsito, que muito beneficia o público em geral.

— Procedente da Capital, encontra-se na sua linda vivenda de Corrondeia, o importante capitalista e nosso ex.º amigo sr. Manuel Ramos, acompanhado de sua ex.ª esposa, filha e genro ultimamente consorciados.

— Foi, no pretérito domingo, visitado este importante centro de Turismo, por diversas famílias, que, ao nosso milagroso S. Torcato, vieram trazer as suas esmolas.

— A festa do Sagrado Coração de Jesus, realizada no domingo último, foi concorridíssima, tendo tudo decorrido com a máxima ordem e brilhantismo.

Felicitemos o ex.º abade, rev. Henrique Gonçalves Pereira, que tem sido incansável no cumprimento dos seus deveres.

Rampal.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

EM S. TORCATO

A Pensão-Restaurante Central, de Manuel da Silva Leite, fornece almoços, jantares e serviço à lista a excursionistas, turistas e romeiros, ao ar livre e a preços convidativos. Aceitam-se comensais. — Magníficos aposentos. Recomendam-se os vinhos verdes da cave desta casa.

OFICINA DE PINTURA ARTE DECORATIVA

de M. Pereira de Moura

Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, tanto no Pôrto como na província. Pintura de prédios, taboetas, letreiros luminosos, painéis a óleo e trabalhos a ouro e prata. Consertam-se louças antigas e outros objectos de valor estimativo. Informa-se nesta redacção.

957, R. Fernandes Tomaz, 959 PORTO 32, Rua do Estêvão, 34

URNAS FUNERÁRIAS

Em Mógno 350\$00
Imitação de Mógno 300\$00

Venda directa ao público.

Secção de Móveis da CASA ALBERTO PIMENTA MACHADO (antiga Casa Neves & C.ª)
RUA DE GIL VICENTE — GUIMARÃIS.

A IMPERIAL TOURAL, 117

(antiga Casa Rebelo)

Completo sortido em Miudezas, Modas, Novidades, Malhas e Perfumarias.

VENDAS A DINHEIRO. PREÇO FIXO.

FOTOGRAFIA BELEZA

A esta casa revendedora dos afamados produtos AGFA, podem os Ex.^{mos} amadores confiar os seus trabalhos, pela rapidez na execução e perfeito acabamento.

Todos os trabalhos são entregues no prazo máximo de 24 horas.

Sub-Agência de Guimarães da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

A Comissão Administrativa desta patriótica colectividade, pedem para prevenir todos os seus associados que ainda não estejam providos do respectivo «Cartão de identidade», e ainda aquêles que não pediram a substituição do antigo cartão pelo do último modelo adoptado, de que devem dirigir-se à sede da Sub-Agência — Rua da República, n.º 22, onde o fornecimento ou substituição dos referidos cartões será feita gratuitamente; devendo aquêles que pela primeira vez vão solicitar o cartão, munirem-se de duas fotografias segundo as dimensões aproximadas de 0^m,05 x 0^m,03.

Outro-sim, nos é pedido para tornar público, que todos os sócios atrasados no pagamento das suas quotas, por falta de recursos devidamente comprovada, nem por isso serão demitidos, nem tampouco deixarão de ser atendidos nos seus pedidos de pro-

tecção, pois que a Liga estará pronta a socorrer todos os Combatentes, sempre que possa fazê-lo. É bom que saibam todos aquêles que prestaram serviços à Pátria, e muito principalmente os que se sacrificaram por Ela, que Esta jámais poderá esquecê-los. Poderão ser, por vezes, vítimas da da injustiça dos homens; mas a Pátria, Essa não póde esquecê-los; e, mais cedo ou mais tarde, concede-lhes a merecida recompensa.

Aos académicos

Recebem-se académicos dos primeiros anos do Liceu, em casa particular, com óptimo tratamento.

Falar nesta redacção.

CASA

Compra-se uma casa pequena. Falar nesta redacção.

Casa de Santa Teresinha
Papellaria. Artigos Religiosos.

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

R. 31 de Janeiro -- GUIMARÃIS

A CASA SALGADO

REFLECTE-SE EM TODOS OS LARES E INTERESSA GRANDEMENTE

BOM SORTIDO. PREÇOS MINIMOS. BÓNUS MENSAIS.

Por tão comprovadas razões, devem V. Ex.^{as} preferir

A CASA SALGADO

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

GUIMARÃIS -- R. 31 de Janeiro

BÓNUS MENSAIS — Agosto: Foram contemplados os nossos clientes do dia 17. Recebem, portanto, em fazendas à sua escolha, metade do valor do talão que lhes entregamos naquele dia.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.^{ma} Snr.

Sociedade e Martin Loureiro



GUIMARÃES